

# Museus

Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques MELH  
Museu Municipal Álvaro Viana de Lemos MAVL



**18 de maio 2022**

## **Dia Internacional dos Museus O Poder dos Museus**

# maio

é o quinto mês do calendário gregoriano e o terceiro dos sete meses que têm 31 dias. Partilha o nome com uma variedade de giestas de flores amarelas, «as maias», que florescem habitualmente no início deste mês. O seu nome tem origem na divindade do panteão romano, “*Maia*”, divindade celebrada nesta época do ano, responsável pelo crescimento das plantas na primavera.

**O Dia da Espiga**, coincidente com a Quinta-feira da Ascensão, é uma data móvel que segue o calendário litúrgico cristão, **este ano celebrado a 26 de maio**. Neste dia celebra-se a consagração da Primavera, as primeiras colheitas do ano e, de acordo com a tradição católica, a subida de Jesus Cristo aos céus, encerrando um ciclo de quarenta dias após a Páscoa.

Com uma forte ligação ao ciclo da natureza, a celebração do ritual do “Dia da Espiga” remonta a antigos costumes pagãos. Enquanto marcador da sucessão dos ciclos anuais agrícolas e das estações, o etnógrafo Leite de Vasconcelos liga-o mitologicamente a tempos imemoriais de cultos de adoração à terra-mãe, festejos em honra da natureza e consagrações por parte dos deuses da Antiguidade.

Na 5.<sup>a</sup> feira da Espiga manda a tradição ir ao campo colher a “espiga”. O ramo é composto por espigas e flores campestres e deve ser colocado por detrás da porta de entrada, e só deve ser substituído por um novo no dia da espiga do ano seguinte. Na Lousã e na região centro, é tradição ao meio-dia guardar um pão, que se vai conservar, sem ganhar bolor, até ao ano seguinte, trazendo fartura e sorte à casa.

Na Lousã, pelas proximidades da Ascensão realizam-se os festejos da N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Piedade. As celebrações, passaram a ser anuais depois da criação da Irmandade da Sra. da Piedade, em 1901. Em procissão, imagem é retirada da sua capela até à igreja matriz, depois percorre as ruas da vila e finalmente, no último dia, regressa ao santuário.

O Santuário Mariano, é constituído pelo conjunto de três capelas. A capela de S. João, construída entre os séc. XIII e XIV; a capela da Sra. da Agonia, construída no séc. XVIII; e a capela da N.<sup>a</sup> Sra. da Piedade, construída mais recentemente. Junto ao castelo, situa-se a capela do Senhor dos Aflitos, construída em 1912.



## Exposição Agricultura Lusitana / MELH

Este mês destacamos a peça «*Semente*», de Cristina Fonseca.

“ A semente é o elemento que está na génese da Agricultura, fonte de vida e símbolo de um futuro em potência. É também a base para a conceção desta peça em cestaria contemporânea. Transporta consigo uma mensagem de esperança - preservar um ofício com origens que remontam à cultura castreja, que poderá ter os dias contados por não haver em Portugal quem lhe dê continuidade.

Com esta peça, Cristina Fonseca quis deixar uma semente que possa fazer renascer este antigo ofício e impedir a sua extinção. “*Semente*” é feita em tiras de madeira de castanho entrançadas segundo uma combinação de técnicas tradicionais e processos desenvolvidos ao longo de anos de trabalho”.

In: Catálogo da exposição “Agricultura Lusitana”, ed. 2015, p. 116

## Sabia que ...

as plantas que compõem o ramo da espiga têm um significado?

As espigas devem ser sempre em número ímpar, e são a parte mais importante do ramo. Representam o pão, como a base do sustento da família, e a fecundidade. As papoilas, amor e vida; os malmequeres, riqueza e prosperidade; o ramo da oliveira, paz; o alecrim, saúde, força e resiliência e a videira, vinho e alegria.

# maio

## Peça do mês | MELH Canga Vareira

[MELH/inv. nº 230]

Canga talhada numa tábuca espessa de bordo inferior linear, do qual sobressaem dois pares de canzís, brochas e piaças. Apresenta um alteamento trapezoidal a meio (castelo), ladeado por dois semicírculos também elevados (as luas). O rebordo superior destes dois elementos é decorado com tufo de crinas. Ambas as faces são decoradas com motivos entalhados, florais, geométricos e ondulados, policromados. Tem como motivo central um signo-saimão. A face posterior tem também um motivo central, representando a custódia e o brasão de armas nacional. Esta variante era típica da zona litoral do distrito de Aveiro, usada não só nos trabalhos da terra, mas também na alagem das redes da arte xávega.

Símbolo máximo da domesticação dos animais, a canga consistia num instrumento de atrelagem, imprescindível no trabalho agrícola tradicional. Executadas por exímios artesãos, designados por feitores ou jugueiros, ao trabalho da madeira associa-se uma rica decoração de carácter geométrico, fitomórfico e simbólico. Através da riqueza e refinamento dos acabamentos das cangas podia-se avaliar o estatuto social do agricultor. Durante o século XX, as cangas de festa ou parada utilizavam-se em feiras, desfiles e procissões, com a função de ornamentar o animal e prestigiar a casa agrícola a que pertenciam.

## Sugestões para ouvir

### Oratório da Ascensão

de Johann Sebastian Bach

Cantata BWV 11, "Louvado seja Deus em seus reinos"; Coro Monteverdi; direção John Eliot Gardiner

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WsVSn-BRcmY>



## Datas Comemorativas

**1 de maio** – Dia do Trabalhador; Dia da Mãe;  
**5 de maio** – Dia Mundial da Língua Portuguesa;  
**15 de maio** – Dia Internacional da Família;  
**18 de maio** – Dia Internacional dos Museus;  
**20 de maio** – Dia Europeu do Mar; Dia Mundial das Abelhas;  
**22 de maio** – Dia do Autor Português;  
**26 de maio** – Dia da Espiga;  
**28 de maio** – Dia Internacional do Brincar;

## Sugestões para Ver

### Imagens de Portugal 34

50 anos da Procissão da Nossa Senhora da Piedade [Portugal, 1954, Cinemateca Portuguesa].

Quinzenário de informação e cultura, de 1954, patrocinado pelo Secretariado Nacional da Informação, sobre vários temas, com destaque para a reportagem sobre os 50 anos da Procissão da Nossa Senhora da Piedade, Lousã (00:04:27:05). Disponível em: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=3647&type=Video>



# Dia Internacional dos Museus – 18 de maio

## «O Poder dos Museus»

### Semana dos Museus 2022

#### 17 a 22 de maio

#### Programa:

10h30

**18 de maio, Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques,**  
Inauguração da exposição “ Se eu pudesse mudar o mundo...”,

20h00

À descoberta da Coleção de cestaria do Museu Etnográfico,  
com Carlos Fontales, mestre na arte da cestaria tradicional

21h30

Início da Intervenção de vídeo arte na fachada do Museu Etnográfico

1.ª sessão 14h30 | 2.ª sessão 15h40

**19 e 20 de maio, Prof. Museu Álvaro Viana de Lemos**

Sessões de VTS para alunos do 1º e 2º ciclos sobre a coleção de pintura do Museu Municipal AVL.

10h30

**20 de maio, Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques**

Demonstração da arte em cestaria tradicional pelo mestre Carlos Fontales

21h00

**Momo - Museu do Circo, Espectáculo «Vinil – Companhia Quando Sais à Rua»**

**21 e 22 de maio, Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques**

10h00, 11h30, 15h00, 16h30

Ciclo de curtas de animação para famílias | Percurso Criativo para famílias “Caça ao objeto”



@icomoficial



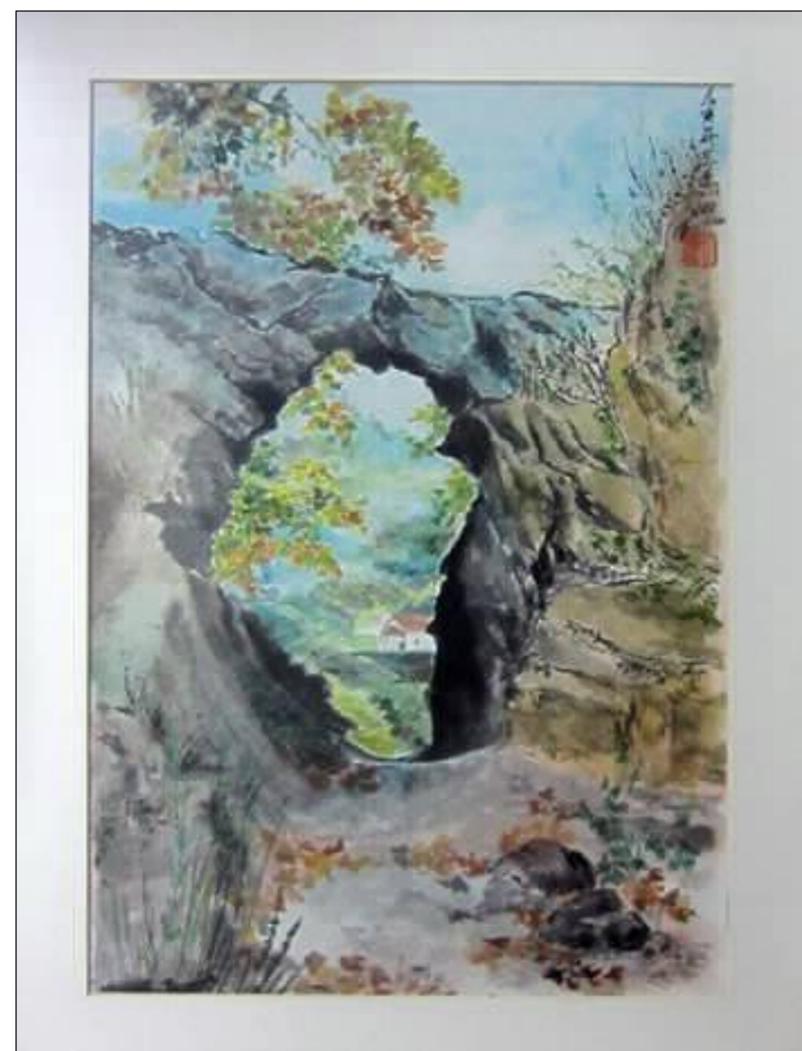
icom.museum

## Peça do mês | MAVL

### Ermida da Nossa Senhora da Piedade [MAVL/ inv. nº 892]

Tchum Nhu Lien. [*Ermida da Nossa Senhora da Piedade*].1998. Pintura chinesa s/ papel de arroz, 35x50 cm.

Tchum Nhu Lien nasceu em Bobonaro, Timor. Criada no seio de uma família tradicional chinesa, oriunda de Cantão, foi privilegiada por uma educação de princípios fundamentalmente chineses a par com as culturas portuguesa e timorense. Aos oito anos de idade iniciou a aprendizagem de pintura artística (aguarela e pintura tradicional chinesa). Em 1975, fixa residência em Miranda do Corvo. Aqui, a sua sensibilidade oriental logo encontrou motivos e inspiração, e os trabalhos começaram a fluir naturalmente, refletindo a sua maneira muito própria de ver o mundo que a todos nos rodeia. A sua sensibilidade única transporta as imagens da sua terra natal para a sua terra de adoção, conjugando-as num harmonioso conjunto.





**“Quem tem trigo d’Ascensão, todo o ano terá pão”**

Lavre à volta das matas e limpe o melhor possível para evitar incêndios. Tratar e regar os batatais. Iniciar a transplantação do arroz. Semear girassol e soja. Enxertar damasqueiros, amendoeiras, cidreiras e laranjeiras. Na horta, no crescente, em local definitivo, semear e plantar abóboras, agrião, alface, beterraba, brócolos, cenoura, couves, espinafre, feijão, melancia, melão, nabo, pepino, pimento, rabanete, repolho, etc. Colher alcachofras, espargos, ervilha, fava, cebola verde; plantar tomate e tratar o já plantado com caldas cípricas; os batatais devem ser regados e tratados com as caldas. No jardim, semear cravos, manjericos, trepadeiras e plantas anuais. Colher flores para semente.

No crescente deve-se castrar o gado, tosquiar as ovelhas; procria de cabras e ovelhas.

In: Borda D’Água, Editorial Minerva, Ed. 2022

## **Quinta-Feira da Ascensão [Cante alentejano]**

*Venho-lhe dar um raminho,  
Colhido da própria planta.  
Para me dares amêndoas,  
Quando for Sexta-feira Santa.*

*Quinta-feira D’Ascensão,  
Saem as moças pro campo.  
De vestido cor-de-Rosa,  
No chapéu, um laço branco.*

*No chapéu, um laço branco,  
Com um raminho na mão.  
Vêm as moças do campo,  
Quinta-feira D’Ascensão.*

*Oliveira luz divina,  
O trigo simboliza o pão.  
Alecrim, saúde e força,  
Paz e amor no coração. (...)*

## Sabores da TERRA da Lousã

### Peixinhos da Horta

#### Ingredientes:

- Vagens do feijão verde;
- Farinha de trigo;
- Água;
- Ovos;
- Azeite ou óleo;
- Sal.

#### Modo de confeção:

Às vagens do feijão verde, tiram-se as pontas e os fios e cozem-se em água e sal.

Depois de escorridas, são envolvidas aos pares, numa massa pouco espessa, feita com farinha de trigo, ovos, água e sal. Por fim fritam-se.

In: *Roteiro de Gastronomia*, Câmara Municipal da Lousã, 1992, pg. 60



## Sabia que ...

Os Peixinhos da Horta eram consumidos como merenda?

Na época áurea dos descobrimentos, os Peixes da Horta eram confeccionados nas embarcações portuguesas, como forma de preservar os vegetais. E estão, inclusivamente, na origem da famosa “Tempura” japonesa.

As trocas comerciais entre os nossos antepassados e o Japão deixaram uma marca indelével na cozinha local, a marca nacional dos «Peixinhos da Horta». Este prato, tipicamente português, era frequentemente consumido durante a Quaresma. A palavra “tempura” tem origem no latim *tempora*, *advindo de ad tempora cuaresme*, fazendo referência aos tempos de jejum praticados na Quaresma.

Por volta do século XVIII, os japoneses experimentaram fritar peixes e vegetais inteiros, tornando o prato verdadeiramente japonês.

## 26 de maio Dia da Espiga

Celebra-se no próximo dia 26 de maio o Dia da Espiga.

### Sabes o que é?

Compões um ramo juntando espigas e flores e estás pronto para comemorar uma tradição ligada à agricultura, ao ciclo das estações do ano e à natureza.

Este ritual começou há muito tempo com os Celtas e Romanos e foi comemorado em todo o mundo mediterrâneo, com festivais, cantares e danças que celebravam a Primavera e agradeciam aos deuses as primeiras colheitas do ano.

Resumindo, o Dia da Espiga é o dia em que se vai ao campo apanhar a espiga, mas não uma espiga qualquer. Do ramo da espiga deve fazer parte pés de trigo e de outros cereais, oliveira, videira, papoilas, malmequeres, alecrim ou outras flores campestres.

Cada planta tem a sua própria simbologia. Assim, o trigo representa o pão; o malmequer o ouro e a prata; a papoila o amor e vida; a oliveira o azeite e a paz; a videira o vinho e a alegria; e o alecrim a saúde e a força.

O ramo da espiga deve ser então guardado durante um ano. E porquê guardar um ramo seco, perguntas tu?

É que o "ramo" é também um poderoso amuleto, que é pendurado, geralmente, atrás da porta, para trazer abundância, alegria, saúde e sorte. Parece superstição? Experimenta colocá-lo atrás da porta de entrada da tua casa.

E agora que te familiarizaste com uma nova tradição portuguesa, aproveita para passares no Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques para conheceres a nossa Roda do Ciclo Solar, um dispositivo interativo que interpreta o ciclo solar. Para cada um dos meses do ano, estão ilustrados atividades humanas do mundo rural, organizadas em quatro conjuntos temáticos: festas profanas e religiosas, astronomia, alimentação e culturas agrícolas.

Vem girar a roda e conhecer um pouco mais!

Ficamos a aguardar a tua visita.

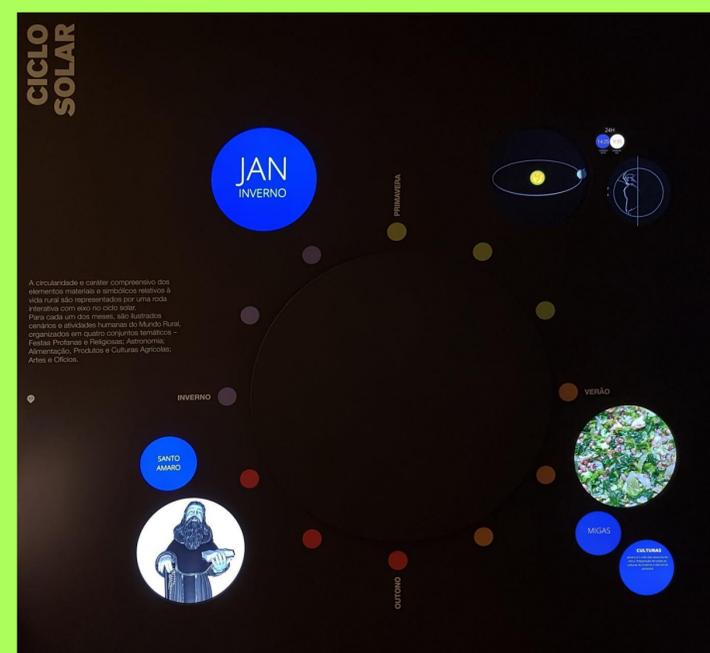


A Civilização Romana surgiu no século VIII a.C. Localizada ao longo do mar Mediterrâneo e centrada na cidade de Roma, na península Itálica, expandiu-se para se tornar um dos maiores impérios do mundo antigo.

Dos Romano herdamos a língua, uma vez que o português deriva do latim, o idioma oficial dos Romanos, o alfabeto e os números romanos.

A civilização romana contribuiu ainda para o desenvolvimento do direito, arte, literatura, arquitetura, tecnologia, religião e governo.

Os Celtas eram um conjunto de povos organizados em múltiplas tribos que se espalharam pela maior parte do Oeste Europeu a partir do II milénio a.C. A maioria dos povos celtas foi conquistada, e mais tarde integrada, pelos Romanos.



## Searas de paz e pão para a boca - II

As coleções de cangas, arados e carros de bois com que Louzã presenteia hoje os visitantes do Museu Etnográfico ajudam a explicar uma realidade próxima de nós, uma cultura campesina ancestral que ainda dominou o século XX praticamente até ao fim.

Dezenas de moinhos funcionavam junto às ribeiras, um pouco por todo o concelho da Lousã e municípios vizinhos.

Em muitas casas, não faltavam também a batata, o feijão e a castanha.

A abastança – ou a miséria! – das famílias variava em função da terra que possuíam, dos dias ou meios dias de sementeira de milho, o milho grosso de origem ameríndia, mas só quando a lavoura era feita com bois.

Onde a propriedade era estreita, muito inclinada e com apenas uma ligeira camada de terra sobre a rocha, todo o trabalho tinha de ser efetuado à força de braços.

As famílias mais ricas, digamos, dispunham de abundantes caudais de água para regar os frondosos campos de milho nos lugares agropastoris.

Pelo número de alqueires de cereal acumulado, avaliávamos se uma casa seria pelo menos remediada, ao ponto de conseguir pagar uma viagem de barco para o Brasil, em meados do século passado, sem penhoras nem empréstimos.

Caso contrário, era preciso vir cá abaixo e bater à porta de algum cachaçudo da Lousã, onde então imperavam os temíveis Tribunal, Câmara, Finanças e GNR.

– O serrano detesta a vila, mas precisa de um compadre! – justificava Louzã, com o sorriso dos seus irmãos das alturas.

Ainda em alqueires de milho, na serra e no vale, pagavam cortes de cabelo e barbas pelo São Miguel, em setembro, logo que os grãos reluzentes adornavam eiras e logradouros.

Etnólogo e homem de paz, Louzã Henriques não era apenas um excelente contador de histórias.

Era um intelectual que defendia a necessidade de proteger as terras férteis, incluindo os leitões de cheia.

Não fossem voltar os tempos negros da fome, da peste e da guerra.